

João Eduardo Herrero Lima¹;

Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<http://lattes.cnpq.br/5370975360569218>

Amanda Maieski da Silva²;

Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<http://lattes.cnpq.br/6230495177585671>

Vitório Fantinel³;

Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<http://lattes.cnpq.br/9626802318877085>

José Henrique Crivelli⁴;

Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<http://lattes.cnpq.br/2847755972048075>

Danielle Soraya da Silva Figueiredo⁵;

Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<http://lattes.cnpq.br/4633811183959364>

Gustavo Bianchini Porfírio⁶.

Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<http://lattes.cnpq.br/2778756837882408>

RESUMO: Este trabalho aborda o bullying e o cyberbullying, fenômenos que afetam milhões de crianças e adolescentes em idade escolar ao redor do mundo, gerando graves consequências emocionais, sociais e acadêmicas. Por meio de uma revisão narrativa da literatura, foram selecionados estudos das bases PUBMED, SciELO e Google Scholar, com foco em publicações pós-2000, nos idiomas português e inglês, além de relatórios de organizações como a UNESCO e o UNICEF. A análise evidenciou que o bullying, em suas múltiplas formas (física, verbal, social e virtual), prejudica o desenvolvimento das vítimas, afetando seu desempenho escolar, saúde mental e qualidade de vida. O cyberbullying, por sua vez, amplia o alcance da violência, rompendo barreiras temporais e espaciais por meio da internet. Dentre as consequências estão ansiedade, depressão, ideação suicida e impactos duradouros na vida adulta. Diante disso, o estudo ressalta a importância de intervenções educativas, programas escolares de prevenção e a capacitação de profissionais da educação. Conclui-se que o enfrentamento do bullying deve ser tratado como questão de saúde pública, exigindo ações intersetoriais e políticas eficazes. Ainda que o trabalho apresente limitações, como a ausência de análise quantitativa, ele propõe caminhos para futuras investigações e práticas educativas transformadoras.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying. Crianças. Internet.

A NARRATIVE REVIEW ABOUT BULLYING AND CYBERBULLYING

ABSTRACT: This study addresses bullying and cyberbullying, phenomena that affect millions of school-aged children and adolescents worldwide, resulting in serious emotional, social, and academic consequences. Through a narrative literature review, studies were selected from PUBMED, SciELO, and Google Scholar, focusing on publications from the year 2000 onward, in Portuguese and English, along with reports from organizations such as UNESCO and UNICEF. The analysis revealed that bullying, in its multiple forms (physical, verbal, social, and virtual), hinders the development of victims, impacting their academic performance, mental health, and quality of life. Cyberbullying, in turn, extends the reach of violence by breaking temporal and spatial boundaries through the internet. Among its consequences are anxiety, depression, suicidal ideation, and long-lasting effects into adulthood. In light of this, the study highlights the importance of educational interventions, school-based prevention programs, and the training of education professionals. It concludes that tackling bullying should be treated as a public health issue, requiring intersectoral actions and effective policies. Although the study presents limitations, such as the absence of quantitative analysis, it proposes avenues for future research and transformative educational practices.

KEYWORDS: Bullying. Children. Internet.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, serão abordados os principais conceitos a respeito do Bullying e do Cyberbullying, fenômeno esse, que tem tomado grandes proporções nos últimos anos especialmente entre crianças em idade escolar e adolescentes, cujas consequências são realmente significativas para os envolvidos e frequentemente graves (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2019). Segundo o relatório da Unesco de 2017 sobre violência escolar e bullying, é possível definir essa prática como “um comportamento indesejado e agressivo entre crianças em idade escolar que envolve um real ou percebido desequilíbrio de poder. O comportamento é repetido ou tem o potencial para ser repetido ao longo do tempo”. Conforme consta no mesmo relatório, toda forma de violência escolar e bullying ferem o direito fundamental à educação, além de prejudicar diretamente a saúde e o bem-estar do agredido levando a consequências que podem perdurar até a idade adulta. Ademais, na modernidade também emerge o que é conhecido como Cyberbullying, que é uma extensão do Bullying tradicional para o mundo virtual com agravantes que podem tornar a experiência ainda mais traumática, como a questão do anonimato e da propagação rápida da informação alcançando ainda mais indivíduos (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2017).

Ainda segundo dados do relatório da UNESCO (2017), estima-se que, todos os anos, 246 milhões de crianças e adolescentes sofrem algum tipo de violência escolar e bullying ao redor do globo. As consequências dessa realidade podem ser drásticas a curto e longo prazo, uma vez que essa prática provoca inúmeros problemas como desajuste social,

sofrimento psicológico e mal-estar físico, o que pode levar a graves problemas de saúde como ansiedade, depressão, isolamento, entre outros (Rigby, 2003).

OBJETIVO

A partir desses fatos, esse trabalho tem como objetivo central explorar a realidade das crianças atualmente que enfrentam o bullying em suas diferentes manifestações quase diariamente. Como objetivos específicos, espera-se compreender esse fenômeno e suas consequências para todos os envolvidos, e também buscar meios que possam ser utilizados como intervenção para o Bullying.

METODOLOGIA

Neste item será explicitado o tipo de estudo (Quanto à abordagem quantitativo, qualitativo ou quali-quantitativo; Quanto a natureza: básica ou aplicada; Quanto aos objetivos: exploratória, descritiva ou explicativa; Quanto aos procedimentos: Pesquisa experimental, Pesquisa bibliográfica, Pesquisa documental, Pesquisa de campo, Pesquisa ex-post-facto, Pesquisa de levantamento, Pesquisa com survey, Estudo de caso, Pesquisa participante, Pesquisa-ação, Pesquisa etnográfica ou Pesquisa etnometodológica), local, população (caso for pesquisa de campo), período, técnica e análise dos dados, bem como as normas éticas seguidas que foram utilizadas no caso de pesquisa ser com seres humanos ou experimentação animal. Enfim, todos os métodos utilizados para a realização do trabalho. Deverá ser escrito em Arial, tamanho 12.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O bullying como é conhecido, é uma forma de violência que envolve vítima, agressor e também as testemunhas ao redor que podem presenciar o fenômeno. Além disso, pode ocorrer a qualquer momento e em qualquer ambiente, embora frequentemente aconteça dentro do ambiente escolar sendo limitado apenas pela presença física das partes envolvidas - enquanto o cyberbullying pode ser praticada virtualmente de qualquer lugar e a todo momento (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2017).

Em uma meta-análise realizada na China com as crianças conhecidas como “deixadas para trás” (aquelas que permanecem em regiões rurais enquanto os pais trabalham em zonas urbanas em busca de melhores condições econômicas), percebeu-se que existe maior prevalência e maior intensidade do bullying para com essas crianças de maior vulnerabilidade social (TU et al., 2023). Vários são os motivos que as levam a praticar o bullying: preconceitos sociais, questões de autoimagem, pertencimento a minorias, desempenho escolar, deficiências, entre tantos outros motivos. Segundo a pesquisa de opinião do U-Report/SRSG-VAC realizada pelo UNICEF em 2016 sobre a experiência do bullying - pesquisa à qual 100.000 jovens de 18 países responderam -, entre aqueles que vivenciaram o bullying, 25% relataram ter sofrido esta forma de violência devido

à sua aparência física, 25% devido à sua orientação sexual e gênero e 25% devido à sua etnia e nacionalidade (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2017).

O bullying e suas consequências

As escolas são, evidentemente, um ambiente de grande incidência do bullying, justamente por ser onde há grande concentração de crianças e jovens diariamente. No entanto, esse ambiente que deveria ser local de educação e acolhimento, acaba se tornando um local de medo e tormento para aqueles que são oprimidos diariamente. O bullying pode se manifestar de forma verbal, física, social e até psicologicamente, caracterizando-se por uma vitimização repetitiva dentro de um desequilíbrio de poder (Rigby, 2003; Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2017). À medida em que o agressor acumula poder para si, a vítima o perde tornando-se progressivamente mais vulnerável e indefesa às investidas daquele, gerando assim um ciclo vicioso de estresse psicológico para ela. (Armitage, 2021). Insultos, xingamentos e apelidos; agressões físicas e sexuais; isolamento e ostracismo; entre outros, todas essas são as manifestações do bullying no ambiente escolar, onde as crianças deveriam estar desenvolvendo os seus primeiros contatos com a sociedade além do núcleo familiar, todavia acaba desamparada e angustiada, acarretando sérias consequências a curto e longo prazo e configurando-se em uma questão de saúde pública (Armitage, 2021; Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2017, 2017).

Nesse sentido, são múltiplas as consequências do bullying, dependendo da frequência, severidade, tipo de bullying, momento em que ocorre, entre outros fatores. Primeiramente, a educação dos jovens agredidos é diretamente afetada, uma vez que há grande perda no senso de pertencimento e segurança no ambiente escolar, queda da socialização desses indivíduos e propensão ao aumento do número de faltas às aulas (Schlesier; Marie-Christine Vierbuchen; Matzner, 2023).

Além disso, existe a tendência disso repercutir no desempenho dos alunos, como por exemplo, em 15 países latino-americanos, os resultados dos testes das crianças vítimas de bullying foram 2,1% mais baixos em matemática e 2,5% mais baixos em leitura do que as crianças não vítimas de bullying. Em comparação com crianças que nunca ou quase nunca foram vítimas de bullying, os resultados médios de desempenho de aprendizagem foram de 2,7% menor em crianças vítimas de bullying mensalmente e 7,5% menor em crianças vítimas de bullying semanalmente, indicando uma relação dose-resposta (Armitage, 2021).

Em segundo lugar, o bullying leva a sérias consequências à saúde da vítima. Desde problemas mais leves como dores de cabeça ou cansaço até problemas extremos como ansiedade, depressão, autoflagelação, abuso de álcool e de drogas (lícitas e ilícitas) e tendências suicidas - apesar de haver variações regionais, a correlação entre bullying na infância e ideação suicida é algo globalmente reconhecido (Holt et al., 2015; Armitage, 2021; Rigby, 2003). Principalmente a longo prazo, tais problemas se manifestam na vida adulta

com maiores chances de psicopatologias, de probabilidade suicida e até de criminalidade, tanto na vítima, quanto no agressor. (Klomek; Sourander; Elonheimo, 2015).

Cyberbullying - o bullying no ambiente virtual

Com a popularização da internet e, conseqüentemente das redes sociais, facilmente qualquer pessoa é encontrada no ambiente virtual, especialmente em um momento em que os smartphones tomaram conta do dia a dia das crianças e adolescentes. Com essa realidade já consolidada, o agressor encontra no cyberbullying uma ferramenta eficaz para atingir seu alvo com mensagens eletrônicas (fotos e vídeos), postagens difamatórias e/ou falsas, mensagens ofensivas, entre outros; para prejudicar a vítima diante de vastas audiências, a qualquer momento e ainda de forma anônima (Tokunaga, 2010; Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2017). Nove a cada dez adolescentes que relatam serem vítimas de cyberbullying também sofrem com o tradicional, o que demonstra que o meio virtual na maioria das vezes não cria novas vítimas, mas gera continuidade ao que já ocorre no cotidiano do jovem, sendo mais uma arma no arsenal do opressor (Armitage, 2021).

Li (2007) evidenciou em uma pesquisa com estudantes da educação regular no Canadá que a maioria já tinha sido vítima de formas de bullying tradicionais e mais de um quarto destes vítimas de cyberbullying, sendo que a maioria não relatou esses incidentes aos adultos. (Li, 2007)

Prevenção e intervenção

Diante dessa realidade enfrentada por inúmeras crianças e adolescentes diariamente com conseqüências tão devastadoras e graves, fez-se necessária a urgente proposição de medidas de prevenção, haja vista que se trata de uma questão de saúde pública (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2017; Armitage, 2021)

Uma medida a ser tomada diante desse cenário é a capacitação de diretores, professores e funcionários das escolas. Eles devem ser treinados para ampliar suas compreensões a respeito do bullying e suas causas, para que sejam capazes de prevenir, identificar e combater sua ocorrência entre os estudantes. Além disso, eles devem ser capacitados a empregar técnicas de gestão positivas e não violentas em sala de aula, bem como abordagens não violentas para o disciplinamento (Tokunaga, 2010; Smith; Bauman; Wong, 2019).

Outra forma de combater a prática em questão seria encorajar estudantes marginalizados a conquistarem posições de liderança e dividir igualmente as tarefas domésticas entre meninos e meninas para que, assim, haja empoderamento daqueles que tendem a ser agredidos e estabeleça-se maior igualdade de poder entre os diferentes estudantes (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2017).

Além disso, a promoção de programas educacionais que transmitam valores de

cuidado pelo outro, respeito pelos direitos humanos e uma cultura de paz e não violência é essencial para o combate à violência nas escolas. Não somente conscientizando as crianças a respeito do bullying, mas também munindo-as com as habilidades necessárias para uma comunicação respeitável, tanto pessoalmente quanto no ambiente virtual, e capacidade de negociação e resolução não violenta de problemas (Organização das Nações Unidas para a Educação, **a Ciência e a Cultura, 2017**).

O programa Second Step, por exemplo, foi implementado em mais de 8 milhões de estudantes, abrangendo mais de 32.000 escolas nos Estados Unidos. Seu objetivo é desenvolver competências de vida, como comunicação, resiliência e tomada de decisões, ajudando os jovens a enfrentar a pressão dos colegas, o uso de drogas e o bullying, seja presencial ou virtual. O estudo conduzido por Espelage et al. (2012) realizado ao longo de dois anos com grupos de mais de 3.600 estudantes de 11 a 13 anos, em 36 escolas de ensino médio de Illinois e Kansas, avaliou os impactos do programa. Os resultados mostraram que, ao final da intervenção, os estudantes das escolas participantes tinham 56% menos chances de relatar insultos homofóbicos e 39% menos probabilidade de relatar episódios de violência sexual em comparação aos estudantes das escolas do grupo de controle (Espelage; Basile; Hamburger, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, entende-se o bullying como uma realidade que atormenta diariamente uma multidão de crianças e adolescentes ao redor de todo o globo por meio de insultos, apelidos, agressões físicas, humilhações, abusos sexuais, agressões virtuais, entre outras manifestações. Suas consequências, tão prejudiciais quanto o próprio bullying, revelam, a curto e longo prazo, uma relação dose-resultado incontestável que provoca psicopatologias, tendências à criminalidade, além das próprias escoriações provocadas pelas agressões diretas. Haja vista a severidade e variedade dessas consequências ao longo da vida de um indivíduo vítima do bullying de longa data, fica evidente a importância de tratar o fenômeno abordado como uma questão de saúde pública. Para isso deve-se capacitar os funcionários das escolas sobre como intervir, além de ser indispensável que desde cedo bons valores sejam cultivados entre os estudantes.

Embora este trabalho tenha abordado os principais conceitos relacionados ao bullying e ao cyberbullying, algumas limitações devem ser destacadas. Primeiramente, por se tratar de uma revisão narrativa, não foi possível realizar uma análise quantitativa aprofundada ou uma meta-análise que agregasse dados estatísticos mais robustos. Além disso, as fontes utilizadas foram restritas a publicações disponíveis online e em idiomas português e inglês, o que pode limitar o acesso a estudos relevantes em outros idiomas ou formatos. Apesar de termos explorado as consequências emocionais, sociais e acadêmicas do bullying e do cyberbullying, alguns aspectos, como as intervenções mais eficazes para a mitigação desses problemas, não foram analisados em profundidade.

Todavia, questões suscitadas por esse trabalho abrem caminho para futuras

pesquisas que se concentrem em investigar a eficácia das diferentes estratégias utilizadas no combate ao bullying e de políticas públicas que visam esse mesmo objetivo. Além disso, poder desenvolver abordagens metodológicas mais robustas, como revisões sistemáticas ou estudos longitudinais, para complementar os achados apresentados. Desse modo, espera-se que esse trabalho provoque mais debates sobre o tema para que soluções sejam encontradas e ambientes mais seguros e saudáveis para crianças e adolescentes sejam uma realidade.

REFERÊNCIAS

- ARMITAGE, R. Bullying in Children: Impact on Child Health. **BMJ Paediatrics Open**, v. 5, n. 1, 11 mar. 2021.
- ESPELAGE, D. L.; BASILE, K. C.; HAMBURGER, M. E. Bullying Perpetration and Subsequent Sexual Violence Perpetration Among Middle School Students. **Journal of Adolescent Health**, v. 50, n. 1, p. 60–65, jan. 2012.
- GRANT, M. J.; BOOTH, A. A Typology of reviews: an Analysis of 14 Review Types and Associated Methodologies. **Health Information & Libraries Journal**, v. 26, n. 2, p. 91–108, 27 maio 2009.
- GREEN, B. N.; JOHNSON, C. D.; ADAMS, A. Writing narrative literature reviews for peer-reviewed journals: Secrets of the trade. **Journal of Chiropractic Medicine**, v. 5, n. 3, p. 101–117, set. 2006.
- HOLT, M. K. et al. Bullying and Suicidal Ideation and Behaviors: A Meta-Analysis. **PEDIATRICS**, v. 135, n. 2, p. e496–e509, 5 jan. 2015.
- KLOMEK, A. B.; SOURANDER, A.; ELONHEIMO, H. Bullying by peers in childhood and effects on psychopathology, suicidality, and criminality in adulthood. **The Lancet Psychiatry**, v. 2, n. 10, p. 930–941, out. 2015.
- LI, Q. New bottle but old wine: A research of cyberbullying in schools. **Computers in Human Behavior**, v. 23, n. 4, p. 1777–1791, jul. 2007.
- RIGBY K. Consequences of Bullying in Schools. **The Canadian Journal of Psychiatry**. 2003;48(9):583-590. doi:10.1177/070674370304800904.
- SCHLESIER, J.; MARIE-CHRISTINE VIERBUCHEN; MATZNER, M. Bullied, anxious and skipping school? the interplay of school bullying, school anxiety and school absenteeism considering gender and grade level. **Frontiers in Education**, v. 8, 29 jun. 2023.
- SMITH, P. K.; BAUMAN, S.; WONG, D. Challenges and Opportunities of Anti-Bullying Intervention Programs. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 16, n. 10, p. 1810, 22 maio 2019.

TOKUNAGA, R. S. Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. **Computers in Human Behavior**, v. 26, n. 3, p. 277–287, maio 2010.

TU, Y. et al. The Prevalence and Severity of School Bullying among Left-Behind Children: A Meta-Analysis. **Trauma Violence & Abuse**, 14 set. 2023.

UNESCO. **School violence and bullying**. [s.l.] UNESCO Publishing, 2017.

UNESCO. **Behind the numbers: ending school violence and bullying**. 1 jan. 2019.